

# MERVAL PEREIRA



## Nova reforma?

• A base aliada do governo está se esfarelado a olhos vistos e já é tido como certo nos meios políticos que só uma nova reforma ministerial poderá acomodar as forças partidárias hoje dispersas e, ao mesmo tempo, superar os traumas deixados pelo embate pela reeleição das presidências nas duas Casas do Congresso.

O senador José Sarney, derrotado fragorosamente dentro de seu próprio partido, o PMDB, não deixa transparecer, mas prepara-se para dar o troco político no senador Renan Calheiros, que se utilizou até mesmo dos cargos que o partido tem no governo para derrotar a emenda.

Embora diga que continua a postos para ajudar o presidente Lula, não há quem, entre os políticos que lhe conhecem o estilo, duvide que seu ânimo em relação ao governo está pelo menos arrefecido.

Algumas "mordidas" o governo haverá de levar em votações importantes, como a do salário-mínimo, para marcar a posição do grupo sarneyista. E é tido como certo que Sarney tentará impedir a vitória de Renan Calheiros para a presidência do Senado.

Perguntado sobre se, com o fim da possibilidade de reeleição, sua sucessão estava decidida a favor do adversário, Sarney, muito calmo, respondeu: "Isso ainda está muito longe. Bola de cristal ninguém tem. Eleição, ainda mais no Senado, e ainda mais no PMDB, só depois da apuração".

A dúvida é quanto ao método que Sarney vai usar para mostrar a sua força política e exercitar sua "vingança". Ninguém acredita que ele seja capaz de atitudes drásticas, como romper com o governo. Por isso, está descartada, em princípio, a possibilidade de se transferir para o PFL com seu grupo, fazendo com que o partido se torne a maior bancada do Senado e, portanto, com direito a indicar seu presidente.

O mais provável é que Sarney procure um candidato dentro do próprio PMDB e tente emplacá-lo, seja na bancada ou até mesmo no plenário, com o apoio da oposição. Mas há quem ache possível uma atitude mais radical, de apoiar uma candidatura alternativa de fora do PMDB.

Pelas ligações de amizade também no PFL — especialmente com o senador Antonio Carlos Magalhães, que fez um discurso no plenário duro contra a atuação do PMDB no episódio — e pela projeção política, o nome do senador Tasso Jereissatti, do PSDB, é apontado como o beneficiário de uma eventual manobra política dissidente do grupo de Sarney.

Até a volta da comitiva presidencial da China, não haverá qualquer decisão sobre votações importantes ou alterações na estrutura do governo. Mas os ministros que aqui ficaram, especialmente o chefe da Casa Civil, José Dirceu, já começaram as movimentações para reorganizar a base política do governo.

Uma reforma ministerial que concedesse ao

grupo Sarney mais espaço político teria que acertar também a situação do presidente da Câmara, João Paulo Cunha, grande derrotado dentro do próprio PT. Uma possibilidade é a troca de posições, com Dirceu voltando à Câmara para ser o novo presidente da Casa, já que o PT não tem outro líder de peso para o cargo e João Paulo não poderá ser reeleito. Neste caso, o hoje presidente da Câmara assumiria a chefia da Casa Civil.

O certo é que o governo terá que reaglutinar suas forças políticas para fazer frente a um adversário que está mostrando suas garras com bastante antecedência: o ex-governador do Rio, e virtual candidato à Presidência da República, Anthony Garotinho.

Ele atuou decisivamente na derrubada da emenda da reeleição e está à frente de um movimento no PMDB para votar contra a fixação do salário-mínimo em R\$ 260. Presidente regional do PMDB no Rio, há quem veja Garotinho sempre mais influente no partido, fazendo com que se afaste cada vez mais da base do governo.

Há também quem identifique sua interferência nos constantes ataques que o PL vem promovendo publicamente à política econômica do governo. Nesse caso, a influência de Garotinho seria através de suas ramificações evangélicas, grupo importante dentro do Partido Liberal.

O problema do governo é que, aparentemente, a ação do vice-presidente José Alencar não tem nada a ver com a do presidente do partido, deputado Valdemar Costa Neto, que a cada dia sobe de tom contra o ministro Palocci e contra o presidente do Banco central, Henrique Meirelles.

O vice-presidente José Alencar estaria agindo por conta própria, não se sabe com que intenção. Há quem ache que simplesmente está falando o que pensa, sem levar em consideração sua posição política. Há, porém, quem veja nas suas críticas um desejo de se botar como alternativa à política econômica adotada pelo presidente Lula.

Mas a teoria da conspiração mais em moda atualmente em Brasília fala em uma grande orquestração do PL, que partiria para o rompimento com o governo, a exemplo do que já fez sua bancada no Senado, que se anuncia "independente", embora o partido formalmente faça parte da base aliada.

O fato é que o presidente Lula terá que tomar uma decisão firme tanto com relação ao PL quanto ao PMDB, para que sua base política no Congresso não continue tão vulnerável às ações isoladas, muito mais de grupos do que de partidos.